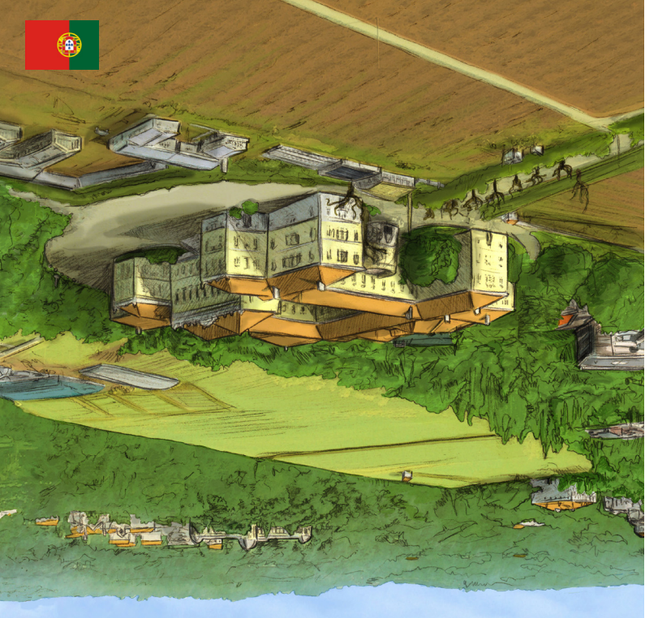

TAPADA DA AJUDA
ROTEIRO BOTÂNICO

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

LAT: 38°42'N; LONG: 9°11'W; ALT: 60M

INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA
TAPADA DA AJUDA
1349-017 LISBOA

Telf: +351 21 365 31 97
Fax: + 351 21 365 31 95

WWW.ISA.UTL.PT

Hinc patriam sustinet
Instituto Superior de Agronomia
Universidade Técnica de Lisboa

Fotografia @ Diogo Oliveira
Design Gráfico & Ilustração @ NunoRodriguesArt.com

Vai iniciar o percurso botânico pela Tapada da Ajuda. Para ser mais fácil a identificação das diferentes plantas, colocámos placas de identificação nas mais representativas da Tapada. Siga as indicações do texto bem como as linhas de cada percurso no mapa. Bom passeio e usufrua do que o espaço tem para lhe oferecer.

PERCURSO I - Duração 30 minutos

1 - Início na escadaria do edifício principal do ISA (A)

2 - Desça a rampa à sua frente. Esta é a Rampa da Asneira, assim conhecida porque na construção do edifício do ISA houve um engano na orientação da planta.
- Pode observar castanheiros-da-índia (1) do lado direito e uma alameda de ciprestes (2) no meio.
- Ao fundo da rampa, do lado esquerdo, faça um pequeno desvio para ver, no interior da mata, o carvalho-cerquinho (4) mais antigo da Tapada (com cerca de 70 anos). Olhe para cima na encosta e veja um bonito e grande exemplar de araucária (3), espécie originária da Austrália e considerada sagrada para o povo Aborígene.

3 - Atalho para o Anfiteatro de Pedra
- Volte à rampa, continue a descer. Siga ligeiramente à esquerda, por uma ponte que vai ter ao antigo jardim da mata de baixo e que conduz ao Anfiteatro de Pedra reparando nos imponentes zambujeiros (5). Observe as diferentes espécies de palmeiras (*Brahea armata* (6), *Livistona chinensis*, *Phoenix canariensis* (7), *Washingtonea rubusta)*, ulmeiros, loureiros (9), um dragoeiro (8) com cerca de 80 anos, vários freixos, dos quais um (10) se destaca pelo porte. Neste espaço coexistem plantas autóctones com outros exemplares que foram plantados aquando da construção do edifício principal.

4 - Anfiteatro de pedra (B)
- Logo à entrada, uma velha melaleuca (11), tombada, partilha o espaço com uma alfarrobeira (12) e com os plátanos. O anfiteatro é delimitado por ciprestes (13) e cedros-do-buçaco (14) ("cedro mentiroso" porque na realidade é um cipreste e é originário do México).

5- Siga em direcção à estrada e passe novamente a linha de água. Suba a estrada até ao próximo cruzamento. Repare, pelo caminho, nos zambujeiros centenários, num sobreiro (15) com cortiça virgem, bem como nos folhados (16) e nos pilriteiros (17) cujos pedicelos dos frutos têm propriedades medicinais comparáveis às do pé-de-cerejeira. Se quiser terminar o seu percurso vire à esquerda para o edifício principal.

PERCURSO II - Duração 60 minutos

6 - Continue o percurso virando à direita para a estrada de terra que o/a levará ao Horto (C)
- Observe à esquerda a Terra Grande (D) com cerca de 5 ha, no cimo da qual pode ver o Observatório Astronómico de Lisboa (E). Ao fundo desta estrada encontra um tanque com água **não potável** proveniente das várias minas de água que existem na Tapada. À esquerda existe o posto meteorológico (F) e um velho campo de experimentação coberto por uma rede.

7- Siga o caminho junto ao muro do lado direito
- Antes da bifurcação, do lado direito, repare nas velhas romãzeiras de jardim (18) que não dão romãs mas deslumbrantes flores escarlates que se podem observar em Julho.
- Continuando pela direita observe pinheiros-de-alepo (19) que sendo autóctones da costa mediterrânica dão-se muito bem em Portugal. Os aloés, originários de África, e as piteiras (20), naturais do México e introduzidas na Península Ibérica para diversos fins, tornaram-se altamente infestantes e são frequentes na Tapada. Pode observar também uma trepadeira com lindas bagas vermelhas conhecida por rebenta-bois, onde não deve tocar pois é altamente venenosa.

8 - Siga pelo caminho alcatroado à esquerda a caminho do Jardim da Parada (G)
Depois das pimenteiras-bastardas (21), um pouco à esquerda, observe um imponente tufo de *Strelitzia nicolai* (22), exemplar raro na Tapada. Semelhante a uma bananeira, possui flores brancas e folhas superiores dispostas em leque, sendo originária da África do Sul. Usufrua do espaço que é vasto e rico em diversidade de espécies. Salientamos o lodão-bastardo (23) espécie espontânea das bacias do Tejo e do Sabor, muito usado nos arruamentos por ser muito resistente à poluição; a espécie protegida *Tetraclinis articulata* (24), pequena Gimnospérmica escolhida para árvore nacional de Malta; olaias (25) que florescem em Março aparecendo as folhas só de seguida; outras espécies vistas no percurso I como ciprestes vários, entre eles o cedro-do-Buçaco e um dragoeiro relativamente jovem; uma casuarina (26) originária da Austrália e muito usada na costa leste de África como corta-ventos, junto ao litoral. A caminho do jardim da Rainha (H) poderá encontrar um grande exemplar de pinheiro-manso.

9 - Jardim da Rainha (H)
- No centro do largo arrelvado contemple o raríssimo coqueiro-do-chile (27) rodeado por bancos de pedra cujos painéis de azulejos que datam de 1940 contam a história do milagre das rosas.
- Vire à direita e passe pelo Lago dos Patos onde existe uma palmeira-das-vassouras (28) com dimensão considerável, a única palmeira autóctone da nossa flora (Algarve).
- Siga pelo caminho e repare, à esquerda junto a um banco, num grande exemplar de uma *Ficus* e mais à frente numa palmeira das vassouras e vários folhados.
- Seguindo o caminho sempre à esquerda passará por um pequeno lago, por uma rotunda ajardinada e à sua frente encontrará novamente o jardim da Rainha. Pode terminar o seu percurso seguindo para o edifício principal.

4

13

PERCURSO III - Duração 1h e 30 minutos

10 – Iniciando o percurso no jardim da Rainha (H) continue em frente passando pelo Lago dos Patos e pelo roseiral até encontrar à sua frente o Pavilhão de Exposições (I). A envolver o majestoso Pavilhão de Exposições repare no importante núcleo de residências que servem de morada a antigos trabalhadores, bem como na abegoaria (J), vacaria (K), cocheira e silos para rações.
- No jardim envolvente ao Pavilhão de Exposições observe, da esquerda para a direita, a pimenteira-rosa (29), proveniente do Brasil, e as pimenteiras-bastardas, os teixos (30), planta venenosa de cujas folhas é extraído o taxol que é usado nos tratamentos do cancro, dois imponentes exemplares de pata-de-elefante (31) planta originária do México, os zimbros (32) e do lado direito os ciprestes. Pode ainda apreciar a tamareira (33) que se pensa ser originária dos oásis da África Central.

11 –Lagoa Branca (M)
- Siga do pavilhão pela estrada, passe o chalé (L) ladeado por um jacarandá (34), espécie oriunda da América Central.
- Prosseguindo na estrada principal à sua direita tem uma belíssima vista sobre a cidade e a Ponte 25 de Abril. Pode também observar uma antiga pedreira das muitas que rodeavam em tempos a Tapada.

12 – Auditório da Lagoa Branca (N)
- Este edifício encontra-se sobre uma antiga pedreira e pode ver nas suas imediações vários exemplares de choupo-branco (35), espécie que pode tornar-se invasora por falta de amanho dos campos.
- Observe o zambujal (36) que rodeia a lagoa, o bosque próprio da zona de Lisboa.
- Seguindo pela estrada depois do Auditório, podem observar-se algumas velhas árvores de *Madura pomifera* (37), cuja madeira é usada para fazer arcos, à frente das quais se encontra a entrada de uma das cinco minas de água da Tapada (O).

13 – Alameda das Oliveiras
- Um pouco mais à frente do Auditório, vire à esquerda e suba a Alameda das Oliveiras. Repare à esquerda no nogueiral (38) e no olival (39) constituídos por uma colecção de diferentes cultivares.
- Em frente do nogueiral pode ver um eucaliptal (40) e mais à frente um bosque de vegetação natural com zambujeiros e um matagal de carrascos e alecrim (41), próprio de solos calcários.

A Alameda culmina numa rotunda ornamentada com um grande exemplar de pinheiro manso (42), a única espécie que em Portugal nos dá pinhões. Da rotunda saem mais três estradas: uma em direcção ao miradouro, outra que vai até aos campos de rugby e a última que leva até ao posto apícola.

Para continuar o seu passeio escolha o caminho que mais curiosidade lhe suscite. Não esqueça, no entanto, que para sair da Tapada só dispõe do portão da Rua Jau na Calçada da Tapada. Para não se perder aconselhamos o regresso pelo mesmo caminho.

A Tapada da Ajuda insere-se num território conhecido, pelo menos desde o tempo da ocupação romana, pela sua riqueza agrícola e pelo bom clima. Os solos, predominantemente de origem calcária e basáltica, albergam pequenos bosques de grandes zambujeiros, frequentemente com alfarrobeiras, constituindo a vegetação climácica da zona de Lisboa nas encostas viradas ao Tejo. Plantas como madressilvas, abrunheiros, folhado, gilbardeira, pilriteiro e pascoínhas, são próprias do zambujal climácico e podem hoje ser observadas em comunhão forçada com as exóticas aqui plantadas desde a fundação do ISA (Instituto Superior de Agronomia).

Os 100 hectares hoje conhecidos por Tapada da Ajuda foram durante a Dinastia Filipina utilizados pelo rei e sua corte como parque de caça. Em 1645 D. João IV decreta por escritura a criação de uma tapada devidamente murada na qual se cria gado e caça e de onde se aproveita o mato e a lenha, sendo-lhe atribuído formalmente o nome de Tapada Real de Alcântara. Este tornou-se num local de eleição para estadias da família Real durante os tempos de recreio e descanso. Com a mudança da residência dos reis para o Alto da Ajuda, a Tapada Real de Alcântara passou a denominar-se Tapada Real da Ajuda.

Ao longo dos tempos foram sendo outras as funções da Tapada da Ajuda, designadamente como espaço pedagógico, de ensino e recreio. A partir do século XIX foi aberta ao público, possibilitando visitas a exposições agrícolas e facultando um local de passeio. Em 1910, com a implantação da República, este espaço passa a dedicar-se ao ensino da agricultura e silvicultura denominando-se Instituto Superior de Agronomia.

A Tapada da Ajuda constitui um exemplar único, no conjunto dos espaços verdes da cidade, sendo inquestionável o seu valor histórico, florestal e ambiental, o que conduziu ao seu reconhecimento como imóvel de interesse público (conjunto intramuros) encontrando-se sob um regime de protecção.

"A Tapada estará aberta ao público permanentemente, servindo para passeio, para instrução dos agricultores ou de quaisquer outros visitantes, bem como para a lição de coisas, às crianças e alunos de todas as escolas".

Governo Provisório da República Portuguesa, 12 de Dezembro de 1910